

# **(AUTO)BIOGRAFIA, PESQUISA E FORMAÇÃO: APROXIMAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS**

Francisco das Chagas Rodrigues da Silva-PPGED/UFPI  
Barbara Maria Macedo Mendes-PPGED/UFPI

## **Resumo**

Nesse ensaio, procuramos refletir sobre as abordagens (auto)biográficas e/ou as histórias de vida na pesquisa educacional, opção que se justifica, sobretudo, pela evidência da grande aceitação e utilização dessa perspectiva teórico-metodológica em investigações relativas à formação docente. Com esse objetivo, apresentamos alguns elementos que refletem as bases epistemológicas do método (auto)biográfico, procurando compreender os fundamentos que justificam sua autonomia como objeto e forma de produção de conhecimento. Para isso, dialogamos com pesquisadores que se dedicam à análise e aplicação da (auto)biografia e/ou das histórias de vida nas ciências sociais, como Ferrarotti (1988) e, especificamente, nas ciências da educação, como Bueno (2006), Dominicé (1988), Josso (2004), Nóvoa (1988, 2000), Pineau (1988, 2006), Souza (2008), entre outros. Inicialmente, apresentamos uma síntese das origens e do processo de desenvolvimento das abordagens (auto)biográficas e/ou das histórias de vida na pesquisa social e no âmbito da investigação educacional. Em seguida, estabelecemos uma pauta acerca das bases epistemológicas da (auto)biografia e/ou das histórias de vida, focando as razões que justificam a reivindicação da natureza, da especificidade e, conseqüentemente, da autonomia científica desse método. Na seqüência, evidenciamos a diversificação etimológica das abordagens (auto)biográficas e/ou das histórias de vida, sublinhando os fatores que condicionam e caracterizam o uso das diferentes denominações relativas a esse método. Por fim, abordamos as interfaces entre as abordagens (auto)biográficas e a educação, destacando as potencialidades e possibilidades da exploração da (auto)biografia e/ou das histórias de vida na produção de conhecimento relativo à questão educacional e na formação da pessoa, em especial do professor.

Palavras-chave: (Auto)biografia. Método (auto)biográfico. Pesquisa-formação.

## **Que “história” é essa?**

A pesquisa no campo da educação, no contexto das mudanças que têm marcado a produção do conhecimento na contemporaneidade, apresenta-se envolvida por transformações significativas em relação aos métodos de estudo dos fenômenos educacionais. Durante muito tempo, como vemos em Lüdke (2006), os estudos em educação foram realizados sob o signo do paradigma tradicional, que tinha na abordagem quantitativa sua base de análise da realidade. Atualmente, a produção dos

trabalhos científicos em educação encontra-se marcada por múltiplas perspectivas, cuja representação incide na convivência de concepções metodológicas das mais variadas tipologias.

O movimento de profissionalização do ensino e dos professores provocou mudanças significativas no modo de pensar e estudar as questões educacionais, diversificando-se os objetos e métodos de investigação. As formulações engendradas no âmbito desse movimento, relativas à formação e ao trabalho docente, colocam o professor, em todas as suas dimensões, na centralidade da problemática educacional. Trata-se de uma valorização da pessoa do professor, na dimensão pessoal, social e profissional, nos processos de investigação com vistas à compreensão e equacionamento dos problemas que envolvem a escola e o ensino.

No campo metodológico, uma das manifestações mais expressivas aposta na (auto)biografia como método de investigação dos processos formativos e das práticas docentes. Assim, a partir de 1980, contamos cada vez mais com pesquisas baseadas em histórias de vida, relatos de experiências, trajetórias de formação, narrativas (auto)biográficas, entre outros aspectos relacionados à pessoa do professor.

O interesse pelas histórias de vida antecede as abordagens de caráter científico, sendo que “a biografia de um indivíduo ou de um conjunto de indivíduos interessou, em primeiro lugar, ao jornalismo e até a uma certa literatura que se centrava nos estudos dos detalhes biográficos dos homens célebres” (TINOCO, 2004, p. 2). No campo da investigação científica, o método biográfico entrou em evidência na chamada escola de Chicago, entre os anos de 1920 e 1930, sendo, de acordo com Tinoco (2004) e Bueno (2002), utilizado em estudos e análises antropológicas, como alternativa à sociologia positivista. No entanto, como pontua Bueno (2002, p. 16), “após esse sucesso o método sofreu um colapso súbito e radical, caindo em quase completo desuso nas décadas seguintes, em razão da preponderância da pesquisa empírica entre os sociólogos americanos”. Somente na década de 1980 o método biográfico voltou a despertar o interesse da sociologia e entrar na pauta de outras áreas de conhecimento, como a educação e a psicologia, delineando-se uma corrente teórico-metodológica que imprimiu mudanças substanciais nas investigações dessas áreas.

No âmbito da pesquisa educacional, o advento das abordagens (auto)biográficas, conforme Pineau (2006), Bueno et al (2006) e Josso (2004), data do início dos anos de 1980, quando são publicadas pesquisas de natureza (auto)biográfica, produzidas por pesquisadores canadenses e europeus. A partir de datas da edição de produções escritas

ou audiovisuais, assim como as de fundação de associações, de redes e de diplomas de formação, Pineau (2006) destaca três períodos na história do movimento das histórias de vida: um período de eclosão (os anos de 1980), um período de fundação (os anos de 1990), e um período de desenvolvimento diferenciador (os anos de 2000). Nesses períodos, foi produzido um grande volume de estudos envolvendo o (auto)biográfico, configurando-se uma perspectiva teórico-metodológica de investigação científica que influenciou/influencia boa parte das pesquisas em educação em várias partes do mundo.

Entre as produções desse período, destacamos a obra de Nóvoa e Finger (1988), em que, juntamente com outros precursores e expoentes dos estudos e discussões sobre as histórias de vida no mundo, como Dominicé (1988), Ferrarotti (1988), Josso (1988) e Pineau (1988), lançam as bases para a consolidação dessa abordagem de investigação. Essa obra constitui um marco para o desenvolvimento da (auto)biografia como objeto e método de estudo, pois seus autores, ao abordarem os vários campos de aplicação da (auto)biografia, apontam para a necessidade de uma epistemologia das histórias de vida.

No Brasil, de acordo com Bueno et al (2006), as pesquisas envolvendo as histórias de vida ou a (auto)biografia começaram a aparecer, com mais evidência, no início dos anos de 1990, sendo que no período anterior (anos de 1980) não há registros de uma produção significativa nessa perspectiva. Entretanto, a partir da década de 1990, os estudos com as histórias de vida, seja como objeto ou método, ganharam cada vez mais visibilidade, entrando constantemente na pauta de pesquisas, projetos e debates diversos, em várias regiões do país. Em 1996 foi realizado o 1º Seminário Docência, Memória e Gênero, na Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo, em que foram recebidas cerca de 40 propostas de trabalhos relacionados às histórias de vida (BUENO et al, 2006).

Atualmente, as abordagens e as pesquisas (auto)biográficas estão presente em praticamente todas as academias de ciências da educação, em todo o país, destacando-se uma significativa produção e publicação na área. Resta agora aprofundar o debate e as formulações epistemológicas em torno da utilização das histórias de vida na investigação educacional, a fim de consolidar essa perspectiva teórico-metodológica na pesquisa brasileira. Por isso, em consonância com essa preocupação, nosso objetivo nesse ensaio é refletir sobre as abordagens (auto)biográficas e/ou as histórias de vida na pesquisa educacional, opção que se justifica, sobretudo, pela evidência da grande aceitação e utilização dessa perspectiva teórico-metodológica em investigações relativas à formação e à prática docente

### **(Auto)biografia: um método científico?**

Uma questão ainda recorrente em relação à utilização da (auto)biografia na pesquisa social e, inclusive, educacional, questiona a validade dessa abordagem como método de investigação científica. Diante disso, precisamos conhecer e compreender as bases epistemológicas que sustentam o uso das abordagens (auto)biográficas como objeto e forma de conhecimento. Para isso, esboçamos um diálogo com Ferrarotti (1988) que, em seu texto *Sobre a autonomia do método biográfico*, funda as bases para uma epistemologia das abordagens (auto)biográficas, ao nível das ciências que se ocupam dos fenômenos sociais e/ou humanos. Nesse ensaio, Ferrarotti (1988) procura revelar, à luz de uma concepção histórico-dialética e crítica da realidade, os princípios e fundamentos que sustentam a abordagem sociológica das histórias de vida ou (auto)biográfica para se aproximar, analisar e interpretar a realidade social. Dessa leitura, procuramos apreender e delinear a natureza do método que ele chama de biográfico, o qual tem sua razão de ser, em linhas gerais, por dois motivos ou argumentos principais.

O primeiro argumento remete à necessidade de uma renovação metodológica, provocada pela crise generalizada dos instrumentos heurísticos da sociologia, a chamada metodologia clássica das ciências sociais. Nessa perspectiva, questionam-se os dois axiomas fundamentais da questão sociológica: a objetividade e a intencionalidade nomotética, cujos esforços visam reintegrar o observador à estrutura epistemológica da sociologia, negando-se a “passividade coisificada que o método atribui à coisa social”. Então, argumenta Ferrarotti (1988, p. 20), “a crítica à objectividade e à nomotetia, que caracterizam a epistemologia sociológica, teve como consequência a valorização crescente de uma metodologia mais ou menos alternativa: o método biográfico”.

O segundo argumento diz respeito à exigência de uma nova antropologia, que aparece junto com o capitalismo avançado, trazendo à tona, mais uma vez, a necessidade do concreto, pois “as grandes explicações estruturais, construídas a partir de categorias muito gerais, não satisfazem os seus destinatários” (FERRAROTTI, 1988, p. 20). Em outras palavras, as pessoas, sujeitos das “grandes explicações”, demandam elementos que possibilitem o entendimento e compreensão do vivido, do experienciado cotidianamente, como forma de tornar a “vida real” um objeto do conhecimento. Assim,

diz Ferrarotti (1988, p. 20 – grifo do autor) “exigem uma *ciência das mediações* que traduza as estruturas sociais em comportamentos individuais ou microsociais”, no entanto, a sociologia clássica não consegue compreender e atender essa exigência de uma “hermenêutica social do campo psicológico individual”<sup>1</sup>.

Esses argumentos indicam que a biografia, ou autobiografia, constitui um instrumento sociológico capaz de garantir essa mediação do ato à estrutura, ou seja, de uma história individual a uma história social. Esses argumentos sustentam-se no entendimento de que a (auto)biografia implica a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, cuja ação incide diretamente no social. Dessa forma, “uma teoria que preencheria o ‘corte epistemológico’ que [...] divide inelutavelmente o domínio do psicológico e o domínio do social” (FERRAROTTI, 1988, p. 21). Isso significa o advento de uma teoria para atender as necessidades mais urgentes da própria sociologia e de outras ciências humanas, que almejam posicionar-se criticamente diante da realidade, como a psicologia e a educação.

Diante dessas considerações, compreendemos que o método (auto)biográfico, no âmbito das ciências sociais, entre elas a educação, encontra-se, à época de sua gênese e no decorrer de seu desenvolvimento, envolvido por questões de ordem teórica e metodológica, caracterizando-se um problema epistemológico. Ao surgir como alternativa à fragilidade teórico-metodológica da sociologia clássica, sobretudo a vertente antropológica, o método (auto)biográfico já de início envolve-se com duas questões importantes. Primeiro, a responsabilidade de revitalizar e/ou re-elaborar todo o corpo de métodos e técnicas de investigação científica no campo das ciências sociais, modificando substancialmente a forma e o modo de vê e analisar a realidade social, inaugurando, portanto, outra perspectiva de análise e interpretação da realidade, o que implica uma nova teoria do social ou do humano. Essa primeira questão introduz a seguinte, que coloca em pauta a necessidade da abordagem (auto)biográfica de se firmar como método de investigação científica, validado por uma teoria que dê conta de sua natureza e especificidade. Essa teoria, por sua vez, ao pretender uma nova forma e modo de análise da realidade, encontra-se envolvida por questões que remetem aos seus princípios e fundamentos basilares.

Essas duas questões estão no cerne da problemática que envolve as abordagens (auto)biográficas e explicam os diferentes encaminhamentos que se deu a esse método no decorrer de sua trajetória nas ciências sociais e/ou humanas. Ao pretender uma

natureza subjetiva, qualitativa e alheia a todo o esquema hipótese-verificação da sociologia tradicional (FERRAROTTI, 1988), o método biográfico ou autobiográfico surgiu com a tarefa de mudar radicalmente a forma de olhar e estudar a realidade social. No entanto, a sociologia não aceitou esse desafio, acomodando o novo método no quadro da ciência social tradicional, anulando, como diz Ferrarotti (1988), completamente a especificidade heurística da biografia. As conseqüências desse “empobrecimento” epistemológico do método (auto)biográfico são discutidas por Ferrarotti (1988), que, em síntese, representaram: a redução do método a um conjunto de materiais biográficos justapostos, como veículo e suporte concentrado de informações, utilizado “para saber”, não o reconhecendo como um conhecimento organizado crítico, que é preciso aprender a decifrar; e a redução da (auto)biografia a uma simples “fatia de vida” social utilizada como exemplo, caso ou ilustração, em um quadro interpretativo situado a um nível mais elevado de abstração.

Esses dois aspectos revelam o ponto central da problemática que envolve o método (auto)biográfico, caracterizada pela reivindicação da subjetividade e da superação da perspectiva nomotética da sociologia tradicional. Assim, “os dois elementos que fazem a especificidade da biografia constituem obstáculos que temos que contornar ou que ultrapassar” (FERRAROTTI, 1988, p. 23). Diante disso, a natureza subjetiva e “anti-nomotética” do método (auto)biográfico delinea os limites de sua cientificidade, gerando, pois, todas as desconfianças e desconfortos que minam a validade da (auto)biografia como processo de produção de conhecimento científico. Dessa forma, “o qualitativo apaga-se no quantificável. A subjetividade activa da autobiografia dilui-se na vida objectiva da biografia dos acontecimentos” (FERRAROTTI, 1988, p. 23). Portanto, para garantir sua especificidade e, conseqüentemente, sua segurança e conforto epistemológico a (auto)biografia tendeu a limitar-se ao quadro teórico-metodológico tradicional da sociologia.

O uso que se fez da (auto)biografia procurou atender às exigências epistemológicas da tradição metodológica das ciências sociais e/ou humanas, deixando de reconhecer e assumir a natureza qualitativa e subjetiva desse método. No entanto, “a negação da especificidade da biografia, graças a uma metodologia nomotética e a técnicas coisificadoras, trai o seu carácter essencial, isto é, a sua historicidade profunda, a sua unicidade” (FERRAROTTI, 1988, p. 25). Por isso, precisamos aprofundar a análise e a reflexão sobre a natureza da (auto)biografia, examinando os princípios, os compromissos e as implicações desse método, a fim de reconhecer e defender a sua

especificidade epistemológica, teórica e metodológica. Nesse sentido, Ferrarotti (1988) defende que é preciso deixar de privilegiar os *materiais biográficos secundários* e voltar-se mais para os *materiais biográficos primários*<sup>2</sup>, com toda a sua subjetividade, pois, “não é só a riqueza objectiva do material biográfico primário que nos interessa, mas também e sobretudo a sua **pregnância subjectiva** no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador” (*idem*, p. 25 – grifo do autor).

De acordo com esse entendimento, a especificidade do método (auto)biográfico se caracteriza pela subjetividade inerente à (auto)biografia, cujo reconhecimento e aceitação como forma de pensar e estudar a realidade dos fenômenos sociais e/ou humanos implica na questão maior dessa perspectiva teórico-metodológica: como a subjetividade pode tornar-se conhecimento científico? A resposta para essa questão remete à dimensão social da (auto)biografia ou das histórias de vida, uma vez que o sujeito-ator do processo de investigação encontra-se socialmente situado, imbricado em uma rede de inter-relações, que envolve o individual e o coletivo. Essa natureza social da pessoa-sujeito da (auto)biografia fundamenta a hipótese geral que procura legitimar a subjetividade como fonte e objeto de conhecimento científico<sup>3</sup>.

Esse entendimento apóia-se em uma antropologia social que, ao considerar o homem como síntese individualizada e ativa de uma sociedade, elimina a distinção do geral e do particular em um indivíduo. Por isso, assim como defende Ferrarotti (1988, p. 26-27 – grifos do autor), “se nós somos, se todo indivíduo é, a reapropriação **singular** do **universal** social e histórico que o rodeia, **podemos conhecer** o social a partir da especificidade irreduzível de uma praxis individual”. Essa perspectiva de olhar e ver o homem e a realidade social permite afirmar e legitimar a possibilidade de ver e estudar a sociedade (em todas as suas dimensões e fenômenos) a partir de uma (auto)biografia ou de uma história de vida ou ainda de uma narrativa (auto)biográfica. Eis o aspecto que confere à subjetividade da (auto)biografia ou das histórias de vida a cientificidade reclamada pelos postulados acadêmico-científicos, legitimando a natureza e a especificidade do método (auto)biográfico.

### **Biografia ou autobiografia?**

As denominações biografia ou autobiografia são comumente utilizadas com o mesmo sentido, no entanto, de acordo com Tinoco (2004), muitos autores preferem o termo autobiográfico, por ser uma investigação que incentiva os sujeitos a realizarem pequenas autobiografias, assistidas pelo investigador. Nesse mesmo sentido, Pineau (1999) distingue quatro categorias relacionadas às abordagens (auto)biográficas: a *biografia*, que se manifesta como a escrita da vida do outro; a *autobiografia*, que remete à escrita da própria vida; os *relatos orais*, que seria considerar o que se escreve sobre a vida do outro, como uma espécie de “intriga”; e as *histórias de vida*, que envolve um conhecimento de si na inter-relação indivíduo/coletivo. Essa última categoria, assim como entende Souza (2008), fundamenta diversos projetos de pesquisa/formação, a partir da vida dos atores sobre uma vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no plural, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos.

Com essa mesma preocupação terminológica, Bertaux (*apud* BUENO, 2002) faz a distinção entre alguns termos e expressões muitas vezes usados equivocadamente com o mesmo sentido. Para esse autor, há as *estórias de vida*, que corresponde à narrativa da vida de alguém pela própria pessoa; e há as *histórias de vida*, que significa a utilização de diversos tipos de documentos com a finalidade de estudar a vida de uma pessoa ou grupo, incluindo-se, portanto, as *estórias de vida*. Em ambos os casos, como observa Bueno (2002), não é necessário considerar a vida inteira nem todos os aspectos, sendo possível o recorte tempo-espacial, delimitando-se fases, experiências, trajetórias etc. Em seu texto, Bueno (2006, p. 16) utiliza a expressão método biográfico para “designar as várias modalidades de estudos com histórias de vida, quer sejam biográficas ou autobiográficas”.

Bolívar (2002) usa o termo *metodologias biográfico-narrativas*, para fazer referência às histórias de vida, auto-informação e relatos de vidas que, segundo ele, possibilitam diagnosticar o ciclo de vida, a trajetória profissional, a tomada de consciência do processo de formação, a autopercepção segundo o ciclo de vida profissional, entre outros aspectos. Assim como Nóvoa (1988), usamos a expressão *método (auto)biográfico*, em que o uso dos parênteses remete à síntese do duplo sentido atribuído ao termo, admitindo-se o entendimento das histórias de vida tanto como biografia quanto como autobiografia.

Contudo, usamos a expressão método (auto)biográfico para designar o conjunto de técnicas, procedimentos e estratégias que se utilizam das biografias, autobiografias,

estórias/histórias de vida, relatos orais e/ou narrativas em processos de investigação, no âmbito das ciências sociais e, especificamente, da educação. Essa concepção de método (auto)biográfico comporta uma dimensão teórico-conceitual, implicando o reconhecimento de uma epistemologia das práticas e processos de investigação a partir das abordagens (auto)biográficas. Dizemos isso, pois, como entende Souza (2008), a abordagem biográfica ou (auto)biográfica tanto é método, porque adquiriu, no seu desenvolvimento histórico, uma vasta fundamentação teórica, quanto é técnica, porque também gozou de conflitos, consensos e implicações teórico-metodológicas sobre a sua utilização.

### **(Auto)biografia: pesquisa ou formação?**

A utilização da (auto)biografia nas ciências da educação teve início no final do anos de 1970, ganhando importância e se desenvolvendo durante a década de 1980, no contexto do movimento de profissionalização do ensino e dos professores, desencadeado pela demanda de outra forma de conhecimento sobre a formação e a atividade docente. Atualmente, as abordagens (auto)biográficas ou as pesquisas com histórias de vida têm larga aceitação no campo das investigações educacionais, marcando sobretudo a pesquisa sobre formação de professores e práticas docentes. Como vemos em Nóvoa (2000, p. 15 – grifo do autor), “a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre *a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes* ou *o desenvolvimento pessoal dos professores*”. Para esse autor, essa produção, apesar de ser heterogênea e com diferentes níveis de qualidade, teve um mérito indiscutível, por (re)colocar os professores no centro dos debates em torno das questões que envolvem a problemática educacional.

O aparecimento das abordagens (auto)biográficas, como vemos em Ferrarotti (1988), é conseqüência da insatisfação das ciências sociais em relação ao conhecimento produzido e, conseqüentemente, da necessidade de renovação teórico-metodológica de sua forma de olhar e analisar a realidade social. Nesse sentido, Nóvoa (2000) entende que o interesse pelas (auto)biografias no meio científico é a expressão de um movimento social mais amplo, bem presente na produção literária e artística, que trouxe a perspectiva dos sujeitos face às estruturas e aos sistemas, da qualidade face à quantidade, da vivência face ao instituído. Nesse contexto, como ressalta Nóvoa (2000),

os pesquisadores das ciências da educação e da formação acompanharam este movimento e o método (auto)biográfico assumiu, desde o final da década de 1970, uma importância crescente no campo educacional.

Diante disso, a emergência das abordagens (auto)biográficas significa uma mudança qualitativa e um refinamento do olhar do pesquisador, que ao se aproximar mais de seu objeto. Acreditamos, pois, que estudar o professor e suas questões, em busca de compreender os problemas que afetam os processos educativos, representa outra consciência e compromisso com as investigações sobre os problemas do ensino e da educação. No entanto, o trabalho com as metodologias (auto)biográficas no âmbito da educação tem apresentado também limites significativos, que precisam ser considerados e ponderados por quem se propõe a empreender investigações dessa natureza, como constatamos em Nóvoa (2000).

Em face desses aspectos, as abordagens (auto)biográficas têm sofrido duras críticas, por iniciativas dos mais diversos campos de investigação e produção de conhecimento, onde são questionados seus fundamentos e meios de objetivação teóricos e metodológicos. A maior parte das críticas, segundo Nóvoa (2000), provém de correntes da psicologia e da sociologia: as primeiras reclamam a fragilidade metodológica, a ausência de validade ou as dimensões analíticas implícitas nas “abordagens (auto)biográficas”; no outro caso são feitas ressalvas quanto ao esvaziamento das lógicas sociais, com uma excessiva referência aos aspectos individuais, e à incapacidade de apreensão das dinâmicas coletivas de mudanças sociais.

Não obstante, essas limitações correspondem aos desafios postos a quem opta por trilhar esse caminho, o que implica um esforço contínuo de não perder de vista a finalidade essencial das investigações educacionais: contribuir para a melhoria dos processos educativos. Dessa forma, assim como Nóvoa (2000), defendemos a significativa contribuição da (auto)biografia ou das histórias de vida para as pesquisas no campo da educação, gerando “práticas e reflexões extremamente estimulantes”. De outra forma, “a possibilidade de produzir um conhecimento sobre os professores, mais adequado para os compreender como pessoas e como profissionais, mais útil para descrever (e para mudar) as práticas educativas, é um desafio intelectual estimulante” (NÓVOA, 2000, p. 24).

A contribuição das abordagens (auto)biográficas para as ciências da educação tem sido cada vez mais acentuada, sobretudo em função da abrangência e da diversificação de usos, modos e fins dados às histórias de vida e às narrativas

(auto)biográficas, extrapolando-se até mesmo o caráter meramente investigativo desse método. Nesse sentido, a (auto)biografia, no âmbito das ciências da educação, comporta basicamente duas dimensões: uma voltada para as investigações sobre a vida do professor, como forma de compreender os processos de formação e as práticas de ensinar/aprender; e a outra destinada à formação, como possibilidade de uma (auto)formação do professor, desencadeada pelos processos de reflexão sobre si e suas práticas, considerando-se as trajetórias de vida e formação dos indivíduos.

A concepção formativa da (auto)biografia é decorrente, sobretudo, das formulações geradas nas pesquisas e discussões realizadas por Josso (1988; 2004), Pineau (1988; 2006) e Dominicé (1988), que concebem as histórias de vida como instrumento de pesquisa e formação. Assim, a mobilização das (auto)biografias, das histórias de vida, das experiências de formação, das narrativas, entre outros instrumentos, além de possibilitar a produção de conhecimento sobre algum fenômeno educacional, pode também desencadear um processo formativo tanto na perspectiva do pesquisador quanto da pessoa investigada. Por isso, como acredita Dominicé (1988), a biografia é um instrumento de investigação e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico, aspecto que caracteriza sua utilização nas ciências da educação.

Essa perspectiva valoriza o processo de investigação, atribuindo ao método (auto)biográfico uma especificidade na forma, no conteúdo e nos fins, o que significa uma mudança nos fundamentos teóricos e epistemológicos das abordagens das histórias de vida. A abordagem da (auto)biografia, que até o advento das concepções de pesquisa-formação com histórias de vidas, tinha um caráter estritamente investigativo, no âmbito das ciências sociais, passou a fundamentar e subsidiar projetos de formação da pessoa, por meio da reflexividade do processo de investigação, como vemos em Josso (2004). Em síntese, consoante com o entendimento de Souza (2008), a (auto)biografia configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos a partir de experiências de sujeitos em processo de formação; e, por lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si, de suas aprendizagens e experiências quando vive, ao mesmo tempo, os papéis de ator e investigador de sua própria história de vida.

**Por que continuar?**

As abordagens (auto)biográficas se justificam pela possibilidade de o sujeito refletir sobre si mesmo, sobre suas histórias, trajetórias e experiências de vida pessoal, social e profissional, o que pode levar à transformação e, portanto, caracterizar um processo de (auto)formação. Também se justifica pelo potencial que as abordagens (auto)biográficas têm de oportunizar a produção de conhecimento sobre as pessoas, suas práticas, formas e processos de atuação em dados contextos, que pode ser uma circunstância ou uma vida inteira. Dessa forma, esse tipo de conhecimento é importante porque possibilita um entendimento mais claro e aprofundado dos fenômenos relacionados à pessoa e a sua realidade, contribuindo para a configuração de uma epistemologia da vida real, tal como os sujeitos a vivem, concebem e representam socialmente.

As abordagens (auto)biográficas colocam na centralidade do processo de pesquisa-formação, através das histórias de vida, a condição da pessoa em relação ao contexto social, que envolve sua história pessoal e social. Isso significa oportunizar as pessoas envolvidas com as práticas de investigação (auto)biográficas uma formação fundada na práxis humana, que reflete as estruturas das relações sociais, as formas, os processos e as experiências de ser e estar no mundo social. As narrativas (auto)biográficas, do modo como são concebidas por Ferrarotti (1988), permitem aos sujeitos um encontro consigo mesmo, com sua história e, conseqüentemente, com o tecido social que delinea a configuração dessa história, que é pessoal, mas que sintetiza as configurações do contexto social.

Por essas e outras razões, devemos continuar explorando as possibilidades de investigação, conhecimento e formação das abordagens (auto)biográficas, reconhecendo os limites, claro, mas sempre como forma de superá-los. As potencialidades das histórias de vida, das narrativas, do encontro das pessoas com elas mesmas podem revelar muito mais do que simples acontecimentos banais do cotidiano. A história da (auto)biografia só está começando, ainda é uma “criança”, por isso, com os devidos cuidados, poderá crescer e se desenvolver “forte” e “saudável”.

## Notas

1. Esse aspecto é verificado ao constatar-se que a sociologia: Propõe correlações constantes e gerais, onde seriam necessárias pontes que ligassem a historicidade absoluta de um acto à generalidade de uma estrutura. Estabelece variações concomitantes entre taxonomia dos comportamentos individuais e taxonomias sociais, onde seria precisa uma imbricação ininterrupta de hipóteses genéticas-condicionais, que fossem de um acto ou de um acontecimento a uma estrutura, através de uma rede de mediações sociais. (FERRAROTTI, 1988, p. 20).
2. Ferrarotti (1988) distingue dois grupos de materiais utilizados nas abordagens (auto)biográficas: os *materiais biográficos primários*, que contemplam as narrativas autobiográficas recolhidas diretamente pelo pesquisador no quadro de uma interação primária (*face a face*); e os *materiais biográficos secundários*, que compreendem os documentos biográficos de toda a espécie que não foram utilizados pelo pesquisador no quadro de uma relação primária com seus interlocutores, como correspondência, fotografias, narrativas e testemunhos escritos, documentos oficiais, processos verbais, recortes de jornal etc.
3. Essa hipótese é defendida por Ferrarotti (1988, p. 26), considerando que: “todas as narrações autobiográficas relatam, segundo um corte horizontal ou vertical, uma praxis humana. [...] toda a praxis humana individual é actividade sintética, **totalização activa de todo um contexto social. Uma vida é uma praxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais), interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua actividade desestruturante-reestruturante.** Toda a vida humana se revela, até nos seus aspectos menos generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Todo o comportamento ou acto individual nos parece, até nas formas mais únicas, a síntese horizontal de uma estrutura social”. (grifo do autor).

## Referências

- BOLÍVAR, A. (Org.). **Profissão professor: o itinerário profissional e a construção da escola.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28. n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.
- BUENO et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago. 2006.
- DOMINICÉ, P. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 51-62.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 17-34.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo, Cortez, 2004.  
 \_\_\_\_\_. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 35-50.
- LUDKE, M. A pesquisa em educação ao encontro de sua complexidade. In: SILVA, A. M. M. et al. ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO. 13, 2006., Recife. **Educação formal e não formal, processos formativos, saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social.** Recife: Bagaço, 2006, p. 413-424.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 2000.

\_\_\_\_\_. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto PROSALUS. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 107-130.

NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-formação-existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-346, maio/ago. 2006.

\_\_\_\_\_. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p. 63-78.

SOUZA, E. C. **A arte de contar e trocar experiências**: reflexões teórico-metodológicas sobre as histórias de vida em formação. Disponível em: [www.fametting.br](http://www.fametting.br), acessado em: 18.04.2008.

TINOCO, R. **Histórias de vida**: um método qualitativo de investigação. Disponível em: [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt), acessado em: 20.04.2008.